

# DECIDIDOS A VIVER COM DIGNIDADE

A LUTA DOS SINDICALISTAS  
IRANIANOS PELOS SEUS DIREITOS

**AMNESTY**  
INTERNATIONAL





No Irã, os trabalhadores estão sendo gravemente afetados pela atual crise econômica. O salário mínimo (de valor equivalente a 303 dólares norte-americanos) está se reduzindo devido a uma inflação que já alcança os dois dígitos. Um programa de redução dos subsídios iniciado pelo governo em março de 2011, ameaça aumentar os preços da água, eletricidade, gasolina, gás natural e outros bens e serviços. Muitos trabalhadores ficam muito tempo sem receber seus salários. Em 2009, em um relatório para a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o governo reconheceu que centenas de empresas estavam pagando os salários com atraso e acumulavam atrasos salariais que afetavam milhares de trabalhadores. Havia, por exemplo, 280.000 operários têxteis, em sua maioria da província setentrional de Mazandaran, onde estavam lhes pagando o salário com até quatro meses de atraso. Por conseguinte, muitos trabalhadores e suas famílias estão com medo de acabar mergulhados na pobreza, especialmente os que não têm a garantia de um trabalho estável, como os operários da construção, os temporários e os que têm contratos de curta duração. A situação é especialmente grave no caso das mulheres, que representam a quarta parte da população ativa e costumam ser as primeiras a perder o trabalho quando a situação econômica piora.

### SINDICATOS INDEPENDENTES SÃO PROIBIDOS

Os trabalhadores iranianos precisam mais do que nunca de sindicatos independentes, capazes de apoiar e defender seus direitos. Apesar disso, os sindicatos independentes estão proibidos no Irã.

Há dois organismos, controlados pelo governo, que asseguram representar os interesses dos trabalhadores no Irã: Os trabalhadores, porque os candidatos às juntas diretoras são submetidos a processos discriminatórios de seleção. Têm que demonstrar seu credo islâmico e sua “lealdade prática” ao islã e ainda provar que são fiéis aos fundamentos ideológicos da República do Irã. O órgão nacional que representa as Assembléias de Representantes dos Trabalhadores regionais foi criado em agosto de 2008. Entretanto, suas funções

**Os trabalhadores iranianos estão lutando para proteger seus direitos e seus meios de vida. Sem poder formar sindicatos livres e independentes, nem se filiar a eles por estarem proibidos por lei, estão batalhando para conseguir salários dignos, melhores condições de trabalho e estabilidade no emprego. Querem que escutem sua voz e que respeitem seus direitos trabalhistas. A resposta do governo às reivindicações dos trabalhadores foi brutal: os sindicalistas sofrem constantemente de agressões, perseguições e detenções por parte das autoridades. Alguns são presos e cumprem longas penas.**

**Os direitos que os trabalhadores exigem são os direitos humanos universais. Eles precisam do seu apoio já.**

e atribuições não estão claras, nem sequer para os próprios trabalhadores iranianos.

A Anistia Internacional foi informada, por ativistas iranianos defensores dos direitos dos trabalhadores, de que as pessoas escolhidas para dirigir estes organismos operários, em particular os Conselhos Islâmicos do Trabalho, são investigadas e aprovadas previamente por um órgão oficial de seleção que emprega para isso critérios discriminatórios, os quais exigem dos candidatos que demonstrem o seu conceito do islã e a sua lealdade à República Islâmica do Irã. Os candidatos podem ser rechaçados devido às suas opiniões ou filiação políticas.

## DESAFIANDO A REPRESSÃO

Alguns trabalhadores iranianos se atreveram a desafiar a proibição aos sindicatos independentes. Desde 2001, a crescente consciência da importância dos direitos dos trabalhadores fez com que fosse criado um pequeno número de sindicatos independentes e organizações de apoio operário. Os condutores de ônibus e os operários do metal da capital iraniana, Teerã; os padeiros do Curdistão; os trabalhadores do açúcar do Juzestão, e os professores de todo o país, entre outros setores, estão decididos a lutar por seus direitos. Lutam contra a retirada de subsídios, o não pagamento de salários e as condições de trabalho precárias, e estão unidos em sua reivindicação pela liberdade de sindicalização, pelo trabalho estável para todos os trabalhadores, pela libertação dos sindicalistas presos, pela igualdade para as mulheres e para as minorias étnicas e religiosas, pela erradicação do trabalho infantil e por serviços públicos de qualidade e acessíveis a todos. Suas atividades sindicais estão sendo muito ameaçadas. Os integrantes destas organizações são despedidos de seus empregos, constantemente perseguidos pelas autoridades, agredidos e espancados pela polícia, detidos e condenados à prisão, onde alguns irão sofrer tortura e maus tratos. Por exemplo, no dia 1º de maio de 2009, as autoridades retiveram a mais de 200 pessoas depois de dispersar, usando da força, uma concentração pacífica convocada por motivo do Dia

Internacional do Trabalho. Acredita-se que todas estas pessoas tenham ficado em liberdade em setembro de 2009. As autoridades negam sistematicamente a autorização para realizar concentrações operárias.

## AS ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS DE ENSINO

Os integrantes do sindicato Associações Profissionais de Ensino do Irã, que é filiado à Internacional da Educação, há anos vêm sendo objeto de perseguição e prisão. Um de seus integrantes, Rasoul Bodaghi, foi detido em Teerã em setembro de 2009. Professor durante 20 anos foi condenado a seis anos de prisão em função de imprecisas acusações de “propaganda contra o sistema” e de “reunião e conluio com o objetivo de alterar a segurança nacional”. Em janeiro de 2011, o Tribunal de Apelação confirmou a condenação e proibiu que Rasoul Bodaghi participasse de atividades da sociedade civil por um período de cinco anos. Segundo relatórios, dois funcionários carcerários o espancaram brutalmente em maio de 2010.

Foram presos integrantes de representações locais das Associações Profissionais de Ensino do Irã em várias partes do país – como na província de Chahar e Bakhtiari, no sudoeste; em Tabriz, no noroeste, e em Meshed, no nordeste— por suas atividades sindicais. Em março e abril de 2007, centenas deles estiveram detidos por curto tempo, durante uma greve e manifestações convocadas em todo o país contra as tabelas salariais e por melhores condições de trabalho. Em nove de maio de 2010, foi executado em Teerã um membro das Associações Profissionais de Ensino do Irã, Farzad Kamangar. Tinha sido condenado à morte por sua suposta participação no grupo armado de oposição, o Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK) e por suas atividades pelo partido, acusações que ele negava.

Em 2007, após uma greve nacional de docentes contra suas condições de trabalho, as associações independentes de profissionais de ensino foram proibidas pelo Ministério do Interior. Em fevereiro de



© Kossof.com

*Esquerda:* Teerã, março de 2007, integrantes das Associações Profissionais de Ensino do Irã protestam diante do Parlamento contra as tabelas salariais e por melhores condições de trabalho. O slogan do cartaz da direita diz: “A igualdade salarial é nosso direito inegável”. Faz referência a uma legislação em fase de estudo nesse momento, com a qual se pretendia criar um sistema nacional unificado de salário para todos os empregados públicos por considerar que para igual trabalho, igual salário.

Os integrantes das Associações Profissionais de Ensino do Irã há anos vêm sofrendo perseguição e detenções. *Acima:* Teerã, março de 2007, integrantes das Associações Profissionais de Ensino do Irã seguram um cartaz que reivindica a legitimidade de seu sindicato. Em 2007, o Ministério do Interior iraniano proibiu as associações independentes de profissionais do ensino. *Manchete:* Um trabalhador iraniano recolhe asfalto com uma pá em uma refinaria de petróleo, Teerã. 2007. © Javad Parsa

2011, um tribunal de Teerã não considerou uma solicitação apresentada pelo governo para dissolver oficialmente as Associações Profissionais de Ensino do Irã. O sindicato ia tentar renovar sua inscrição no registro, mas está esperando para ver se não tentarão novamente fechá-lo.



© Kosof.com



## O SINDICATO DE MOTORISTAS DE ÔNIBUS DE TEERÃ

O Sindicato da Empresa de Ônibus de Teerã e dos Subúrbios (Sherkat-e Vahed), proibido após a Revolução Islâmica, foi fundado de novo em 2005, depois de muitos trabalhadores da empresa de ônibus ficarem meses sem receber o salário. Desde então, os integrantes do sindicado foram perseguidos sistematicamente.

Mansour Ossenlu (conhecido também como Osanlu, Osanloo ou Ossaloo), presidente do sindicado, está preso desde julho de 2007. Já havia sido preso anteriormente, por várias vezes, e sofrido perseguição e intimidações por causa de suas atividades sindicais. Em dezembro de 2005, foi detido junto com outras 14 pessoas. Aproximadamente mil integrantes do sindicado foram detidos, após convocarem uma greve para pedir que Mansour Ossenlu fosse posto em liberdade em janeiro de 2006.

A empresa de ônibus despediu depois mais de 40 trabalhadores. Mansour Ossenlu foi posto em liberdade em agosto de 2006, mas foi detido de novo em novembro, sendo posto em liberdade em dezembro de 2006.

Em junho de 2007, Mansour Ossenlu viajou para a Europa para representar os seus companheiros do sindicado e pedir apoio sindical mundial para a criação de um movimento sindical independente no Irã. Durante sua visita disse que as declarações dos integrantes da Anistia Internacional e dos sindicalistas que fizeram campanha a seu favor tinham feito com que “não nos sentíssemos sozinhos”. Explicou: “Quando estive na prisão e fiquei sabendo de todo o apoio, me subi o moral. Nesta luta é muito valioso receber apoio desde milhares de quilômetros de distância. Este trabalho de campanha revelou também a repressão e garantiu que as autoridades soubessem que o mundo as está observando.”

O pedido de ajuda de Mansour Ossenlu continua sendo urgente. Um mês depois de retornar da Europa, um grupo de homens vestidos como civis retiraram-no arrastado do ônibus, obrigaram-no a subir em um automóvel, espancaram-no e o prenderam. Nas 48 horas seguintes à sua prisão, as autoridades negaram conhecer seu paradeiro.

Posteriormente foi condenado a cinco anos de prisão por “atos contra a segurança nacional” e “propaganda contra o sistema”. Em agosto de 2010, estando ainda na prisão, Mansour Ossenlu foi condenado a um ano mais de prisão após ser declarado culpado de uma nova acusação de “propaganda contra o sistema” por declarações que supostamente teria feito estando na prisão. De acordo com relatórios, ele não tomou conhecimento das acusações até o momento do julgamento, e seus advogados não foram informados de que tinham sido formuladas novas acusações contra ele nem por que motivo ia ser julgado. Em 11 de fevereiro de 2011, Mansour Ossenlu sofreu um ataque cardíaco na



*Na extrema esquerda:* Mansour Ossanlu, presidente do Sindicato da Empresa de Ônibus de Teerã e dos Subúrbios, está encarcerado desde julho de 2007. Recentemente sofreu um ataque cardíaco na prisão.  
*Ao lado:* Mansour Ossanlu (segundo à direita) comemora sua liberação junto à sua esposa, Parvaneh Ossanlu (primeira à direita) e outros integrantes de sua família, 10 de agosto de 2006. Atualmente está de novo na prisão, cumprindo pena de seis anos.  
*Acima:* Reza Shahabi, tesoureiro do Sindicato da Empresa de Ônibus de Teerã e dos Subúrbios, está preso à espera de seu julgamento.

prisão de Raja'i Shahr e foi transferido para um hospital, onde o algemaram na cama enquanto o atendiam. Apesar de ter uma péssima saúde, incluídos problemas oculares, o atendimento médico lhe foi negado várias vezes.

As autoridades também perseguiram a família de Mansour Ossanlu. Em 23 de junho de 2010, as forças de segurança sequestraram e espancaram a sua nora, Zoya Samadi, quando voltava para casa do trabalho. "Ia tomar o trem quando uns homens lhe puxaram pelos cabelos – contou a esposa de Mansour Ossanlu, Parvaneh Ossanlu, à Campanha Internacional pelos Direitos Humanos no Irã. Ela gritou e pediu ajuda às pessoas, dizendo que era nora de Ossanlu. Mas os seus sequestradores puseram rapidamente fita adesiva

em sua boca, vendaram seus olhos e a levaram para um lugar desconhecido. Os agentes ataram seus pés e mãos e a espancaram brutalmente. Disseram que tinha que assinar um documento

onde prometia que quando Ossanlu ficasse em liberdade, [seus familiares] não participariam de nenhuma atividade ou teriam que ir embora do país [...] ela se negou a assinar o documento." Zoya Samadi teve um aborto por causa dos golpes. A perseguição cessou depois que Parvaneh Ossanlu se queixou às autoridades.

Reza Shahabi Zakaria, tesoureiro do sindicato, também está preso. Foi detido na sede da empresa de ônibus em 12 de junho de 2010, em plena campanha empreendida contra o sindicato. Os agentes de segurança registraram a sua casa e apreenderam o seu computador. O direito de liberdade sob fiança foi negado a Reza Shahabi e, em dezembro de 2010, ele se declarou em greve de fome. Foi levado ao hospital devido ao seu mau estado de saúde. No momento em que este documento era redigido, continuava preso à espera do seu julgamento. Ebrahim Madadi (conhecido também como Maddadi), vice-presidente do sindicato, cumpre atualmente uma pena de três

anos e meio que lhe foi imposta por "atos contra a segurança nacional" e que terminará em setembro de 2011. Outros integrantes do sindicato, que está filiado à Federação Internacional dos Trabalhadores do Transporte (ITF), foram alvo habitual de perseguição. Ao menos oito estão desafiando atualmente a proibição de trabalhar como motoristas de ônibus.

A Anistia Internacional considera que Ebrahim Madadi, Mansour Ossanlu e Reza Shahabi são presos de consciência e continua pedindo que sejam postos em liberdade de imediato e sem condições.

© Private



© AP Photo/Burhan Ozbilic



## O SINDICATO DE HAFT TAPEH

A Companhia Agroindustrial Açucareira de Haft Tapeh (ou Tappeh) é uma empresa pública da cidade de Shush, província de Juzestão, no sudoeste do Irã. Cultiva e processa cana-de-açúcar e tem uns 17.000 empregados. Desde 2006, os trabalhadores, em particular os da refinaria da empresa, organizaram numerosas greves e manifestações pelo não pagamento dos seus salários. Os grevistas foram intimidados, e seus líderes processados e presos.

Decididos a conseguir sua independência, em janeiro de 2008 os trabalhadores da refinaria apresentaram um requerimento para a dissolução da representação local do Conselho Islâmico do Trabalho e, em maio, iniciaram uma greve que durou 42 dias. Em outubro de 2008 tinham formado um sindicato independente, e pouco depois se filiaram à União Internacional de Trabalhadores da Alimentação (UITA). Ao final de um ano, todos os trabalhadores tinham recebido parte do dinheiro que a empresa lhes devia.

“O estabelecimento do sindicato foi, de certo modo, uma conquista para os demais trabalhadores de cana-de-açúcar – manifestou o atual presidente do sindicato, Reza Rakhshan, em novembro de 2010. As autoridades mostraram um repentino interesse pelos assuntos da empresa - após três anos de desatenção permanente— pelo mero fato de o sindicato existir. Resultado: a situação dos trabalhadores e da Companhia Açucareira de Haft Tapeh é muito melhor que antes.”

Os integrantes do sindicato pagaram um preço muito alto por tentar defender seus meios de vida. Muitos foram intimidados, presos e despedidos do trabalho.

O próprio Reza Rakhshan foi detido no dia 3 de janeiro de 2010. Sendo finalmente libertado no dia

19 de janeiro, após pagar uma fiança equivalente a uns 150 mil dólares norte-americanos, tendo sido acusado formalmente de “difundir mentiras” e de fazer “propaganda contra o sistema”. Em 3 de janeiro de 2011, Reza Rakhshan foi preso durante seis meses por “difundir mentiras”, acusação da qual havia sido absolvido anteriormente. Sua sentença condenatória poderia ter relação com um artigo publicado na Internet, em 18 de dezembro de 2009, com o título de “Somos uma Família”, no qual condenava as detenções e a perseguição de seus companheiros de trabalho.

Em 2009 foram julgados outros cinco dirigentes do sindicato de Haft Tapeh: Jalil Ahmadi, Ghorban Alipour, Mohammad Haydari Mehr, Ali Nejadi e Fereydoun Nikufard. Foram condenados no dia 12 de outubro de 2009 e imediatamente presos sob a

acusação de “propaganda contra o sistema”, formulada com base em entrevistas que tinham concedido à mídia em 2007 para falar de sua luta pelos direitos dos trabalhadores. Impuseram a todos uma pena de seis meses de prisão, além de outra condenação condicional de seis meses mais. Os cinco também foram proibidos de trabalhar na Companhia Açucareira de Haft Tapeh por um período de cinco anos. Ficaram em liberdade em fevereiro de 2010, exceto Ali Nejadi, que só foi liberado em maio desse ano.



**Extrema superior esquerda:** 10 de novembro de 2009: Integrantes do Sindicato de Trabalhadores da Companhia Açucareira de Haft Tapeh na entrada de um Tribunal Revolucionário de Dezful, Juzestán, sul do Irã. Os dirigentes do sindicato sofreram perseguição e prisão.

**Acima:** Integrantes de sindicatos turcos do transporte protestam contra a prisão de Mansour Ossenlu em frente à embaixada iraniana em Ancara, Turquia, durante um dia mundial de ação, 26 de junho de 2009.

*“O movimento operário iraniano está passando por um de seus piores momentos... O governo iraniano não só descumpriu totalmente os compromissos assumidos por meio dos convênios trabalhistas internacionais e que garantem os direitos básicos dos trabalhadores, como também, e considerando a situação política no Irã durante o último ano, preparou o terreno para de forma implacável atentar contra os direitos mais fundamentais dos trabalhadores e atacar com crescente intensidade as poucas organizações operárias iranianas existentes... Esperamos que medidas mais fortes sejam tomadas para acabar com as terríveis condições impostas aos trabalhadores iranianos.”*

Mensagem de cinco sindicatos iranianos independentes - incluídos o Sindicato da Empresa de Ônibus de Teerã e dos Subúrbios e o Sindicato da Companhia Açucareira de Haft Tapeh- para o segundo Congresso Mundial da Confederação Sindical Internacional, junho de 2010, Canadá

## SOLIDARIEDADE DA ANISTIA INTERNACIONAL COM OS SINDICATOS

Os direitos dos trabalhadores são direitos humanos. Desde que foi fundada, em 1961, a Anistia Internacional não deixou de fazer campanha para conseguir que os governos respeitem o direito fundamental dos trabalhadores a formar sindicatos e a filiar-se a eles, a empreender negociações coletivas e a convocar greves. De fato, um dos casos que deram lugar à fundação da organização foi o de um sindicalista preso na Grécia. A organização há 50 anos defende sindicalistas presos acusados de crimes de consciência ou em situação de risco de qualquer parte do mundo.

Desde 2006, a Anistia Internacional trabalha em estreita colaboração com a Federação Internacional dos Trabalhadores do Transporte e com a União Internacional de Trabalhadores da Alimentação, assim como com a Internacional da Educação, que representa 30 milhões de profissionais do ensino de todo o mundo, e com a Confederação Sindical Internacional, que conta com 175 milhões de filiados, em apoio aos direitos dos trabalhadores iranianos. Esta colaboração inclui apoio conjunto aos dias de ação mundial. A ação mais recente foi em junho de 2009 e consistiu em manifestações de ativistas de mais de 40 cidades do mundo. A Anistia Internacional trabalha em estreita colaboração com seus parceiros sindicais mundiais e está em coordenação com eles para realizar atividades de protesto, captação de apoios e de

promoção. Juntos sensibilizamos a opinião pública, os meios de comunicação e a OIT sobre os direitos dos trabalhadores no Irã. Nosso objetivo comum é bem claro: conseguir liberdade e justiça para os sindicalistas presos e garantir que seus direitos trabalhistas no Irã sejam respeitados, protegidos e efetivos.

Os membros da Anistia Internacional são chamados a colaborar, sempre que for possível, com os sindicatos nacionais e com as associações de trabalhadores da educação, do transporte e da alimentação do próprio país a partir da ação formulada neste documento.

Para qualquer consulta, envie um email para Shane Enright, assessor sindical global, [shane.enright@amnesty.org.uk](mailto:shane.enright@amnesty.org.uk)

Para mais informação sobre o trabalho que a Anistia Internacional realiza em parceria com os sindicatos, entre no nosso site do Reino Unido (em inglês): [www.amnesty.org.uk/tradeunion](http://www.amnesty.org.uk/tradeunion)

Para mais informações sobre o trabalho das associações sindicais globais em apoio dos trabalhadores iranianos, acesse [www.justiceforiranianworkers.org](http://www.justiceforiranianworkers.org)



6 de março de 200, na Coreia do Sul durante um dia global de ação, sindicalistas sul coreanos, integrantes e simpatizantes da Anistia Internacional pedem a liberação de Mansour Ossanlu e Mahmoud Salehi. Mahmoud Salehi é o porta-voz do Comitê de Organização para a Criação de Sindicatos do Irã; foi detido em 2007 e posto em liberdade em 2009.

## ATUE JÁ

O Irã é Estado Parte no Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos, cujo artigo 22.1 dispõe: “Toda pessoa tem direito a se associar livremente com outras, inclusive o direito a fundar sindicatos e a filiar-se a eles para a proteção de seus interesses”. Também é Estado Parte no Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, cujo artigo 8 garante o “direito de toda pessoa a fundar sindicatos e a filiar-se ao de sua livre escolha”.

Como membro da OIT, o Irã tem a obrigação de respeitar, promover e fazer valer os princípios e direitos estabelecidos nos convênios fundamentais da organização, incluídos os seguintes: Convênio 87, sobre a liberdade sindical e a proteção do direito de sindicalização, de 1948, e Convênio 98, sobre o direito de sindicalização e de negociação coletiva, de 1949. As obrigações do Irã como membro da OIT são aplicáveis mesmo que não tenha ratificado nenhum destes convênios.

Ao restringir o direito de sindicalização livre e independente dos trabalhadores, o governo infringe também os artigos 26 e 27 da própria Constituição do Irã. O artigo 26 garante o direito à formação de partidos, sociedades e associações políticas ou profissionais, e o 27, o direito a fazer livremente reuniões e marchas públicas.

**Insta o presidente da Magistratura do Irã, Aiatolá Sadegh Larijani, e o ministro de Trabalho e Assuntos Sociais, Abdolreza Sheikholeslami, a:**

- Deixar Rasoul Bodaghi, Ebrahim Madadi, Mansour Ossanlu, Reza Rakhshan e Reza Sabih imediatamente em liberdade e sem exigir-lhes condições, pois são presos de consciência, detidos unicamente pelo exercício pacífico de seu direito à liberdade de expressão, associação e reunião em atividades sindicais.
- Garantir que todos os detidos sejam protegidos contra a tortura e outros maus tratos e tenham imediato acesso às suas famílias, a advogados de sua escolha e que recebam o atendimento médico que for necessário.
- Aprovar a legislação que permita aos trabalhadores exercer seu direito a formar sindicatos independentes e a eles filiar-se, incluindo seu direito de negociação coletiva, em conformidade com as obrigações contraídas pelo Irã de acordo com o direito internacional.
- Reconhecer oficialmente o Sindicato da Companhia Açucareira de Haft Tapeh, o Sindicato da Empresa de Ônibus de Teerã e dos Subúrbios, as Associações

Profissionais de Ensino do Irã e outras organizações operárias

- Acabar com toda vitimização, discriminação e assédio e detenção de sindicalistas.

### POR FAVOR ESCREVA PARA:

#### **Chefe do Poder Judiciário**

Aiatolá Sadegh Larijani  
[Aos cuidados] Gabinete de Relações Públicas  
Number 4, 2 Azizi Street  
Vali Asr Ave., above Pasteur Street  
intersection  
Teerã  
República Islâmica do Irã  
Email: bia.judi@yahoo.com  
(Escreva na linha de assunto: “Para atenção do Aiatolá Sadegh Larijani”)  
Cumprimentos: Vossa Excelência

#### **Dr Abdolreza Sheikholeslami**

Ministro do Trabalho e Assuntos Sociais  
Ministério do Trabalho e Assuntos Sociais  
Azadi Avenue, próximo a Behboudi Avenue  
Teerã  
República Islâmica do Irã  
Email: info@mlsa.ir  
(Escreva na linha de assunto: “Para atenção de Ministro do Trabalho e Assuntos Sociais”)  
Cumprimentos: Vossa Excelência

**AMNESTY  
INTERNATIONAL**



A Anistia Internacional é um movimento mundial, formado por mais de 3 milhões de simpatizantes, integrantes e ativistas em mais de 150 países e territórios, que fazem campanha para acabar com os graves abusos contra os direitos humanos.

Nossa visão é a de um mundo no qual todas as pessoas desfrutem de todos os direitos humanos proclamados na Declaração Universal de Direitos Humanos e em outras normas internacionais de direitos humanos.

Somos independentes de todo e qualquer governo, ideologia política, interesse econômico e crença religiosa. Nosso trabalho é financiado, em grande parte, pelas contribuições de nossos membros e com donativos.

Índice: MDE 13/024/2011  
Brazilian Portuguese

Junho de 2011

Anistia Internacional  
Secretariado Internacional  
Peter Benenson House  
1 Easton Street  
London  
WC1X 0DW  
Reino Unido

amnesty.org